

A LINHA 174 E O QUE ESCAPA À SIMBOLIZAÇÃO

Tragédia carioca em três atos

Messias Eustáquio Chaves
Psicanalista do CPMG
14 de Agosto de 2000

PRIMEIRO ATO

INSTANTE DE VER 1 - LANCEMOS UM OLHAR AOS ACONTECIMENTOS

“Segunda-feira, 12 de Junho de 2000, às 18hs,30, no Bairro do Jardim Botânico, Rio de Janeiro, Brasil, um ônibus da linha 174 Gávea-Central do Brasil, está parado há quatro horas e meia, cercado por policiais, cinegrafistas e curiosos. Pela TV - principais canais do Brasil e a CNN - perto de 35 milhões de brasileiros assistem aterrorizados ao seqüestro”.

“A agonia dos passageiros do ônibus teve início às 14hs,20 quando, numa das ruas do Jardim Botânico, fez sinal o assaltante Sandro do Nascimento. Vestido como um brasileiro pobre qualquer - bermuda preta, jaqueta preta-branca por cima da camiseta, um cachecol cobrindo a metade da cabeça, um boné preto por cima do cachecol, óculos claros e chinelo de dedo. Com um *revólver calibre 38 à mostra*, ele pulou a roleta e sentou-se próximo a uma das janelas. *Vinte minutos depois* um dos passageiros conseguiu sinalizar para um carro da polícia que passava pela rua. O ônibus, então, foi interceptado por policiais”.

“Nesse momento, *o pânico já se havia instalado*. O motorista e o cobrador *abandonaram* o veículo e alguns passageiros também conseguiram escapar, pulando pelas janelas e pela porta traseira. Dez passageiros, porém, foram tomados como *reféns* pelo seqüestrador. O *marginal* agarrou uma senhora aposentada de 63 anos e, mantendo-a à sua frente, disparou um tiro *contra os policiais e jornalistas*. As negociações só começaram com a chegada do Batalhão de Operações Especiais (Bope), que apareceu no local uma hora depois com dezoito homens. As *câmaras* e os *refletores* foram a senha para o início do *show de horrores* protagonizado por Sandro do Nascimento”.

“Três horas após o início da confusão, Sandro obrigou a estudante Janaína Lopes Neves, 23 anos, estudante de administração na PUC-Rio, a **escrever** numa janela do ônibus: **“Ele tem pacto com o diabo. Tem um punhal e o diabo desenhados no braço. Ele vai matar.”** Outra: **“Ele vai matar geral às 6 horas. Arrancaram a cabeça da mãe dele.”**

Dez minutos depois, em *um dos momentos mais dramáticos* do seqüestro, o bandido mandou que os outros passageiros deitassem Janaína no chão do ônibus e a cobrissem com um lençol. O seqüestrador avisou, então, que iria *simular* a morte da jovem, para que os policiais atendessem às suas exigências: armas, dinheiro e um veículo para a fuga. Ele disparou uma vez próximo do tornozelo de Janaína, e as reféns - àquela altura todos os homens já haviam sido libertados - entraram em desespero. Sandro colocou o revólver na

boca da estudante Luanna Belmont, 19 anos, estudante de Comunicação da PUC-Rio, e de Geísa Firmo Gonçalves, 20 anos, professora da Rocinha”.

“Às 18hs49, teve início a seqüência final da tragédia. Luanna, só 19 anos, ajudou a *pôr um pouco de ordem no caos*, ao dispor-se a recolher para o bandido o dinheiro, colares e relógios dos passageiros e ao tentar o tempo todo *acalmar as pessoas*. Estas três jovens viveram um momento de extrema *provação* e tiveram um *comportamento lúcido e ativo*, pouco comum para a idade delas. Puxando Geísa pelos cabelos e com o revólver apontado para a sua cabeça, o bandido desceu do ônibus e aproximou-se de três policiais. Ele avisou que era a *última chance de negociação* e que pretendia *matar Geísa e depois suicidar-se*”.

“Agachado, escondido na parte dianteira do ônibus, um dos soldados do Bope, Marcelo Oliveira dos Santos, 27 anos, levanta-se, avança e dá dois tiros de metralhadora. Ele *não acerta o bandido*, mas atinge a refém Geísa de raspão no rosto. Imediatamente, ao mesmo tempo em que se abaixava puxando Geísa, Sandro *aperta o gatilho e acerta a moça com três tiros; dois deles fatais*. A caminho do Pronto Socorro, Geísa morre. O laudo do Instituto Médico Legal confirma esta versão e anuncia algo mais: o bandido Sandro não morreu baleado. Dentro do camburão, a caminho do Pronto Socorro, *ele tivera morte por asfixia*. Depois, os soldados que o levavam foram afastados da polícia, acusados de o terem assassinado”.

INSTANTE DE VER 2 - LANCEMOS UM OLHAR ATRÁS

O bandido Sandro Nascimento - criado com a *idéia* de que sua mãe fora assassinada - viveu desde *os 7 anos de idade* nas ruas do Rio de Janeiro. Escapou da morte no episódio que ficou conhecido como “Chacina da Candelária”, em 1993, quando oito meninos de rua foram mortos a tiros por policiais militares, que vingavam o *roubo de um relógio*. Estava condenado a cinco anos e meio de prisão por dois crimes. Um *furto* e um *assalto a mão armada* a um taxi. Na prisão, de onde fugiu com outros detentos, foi considerado *inexpressivo*. “Mancha”, apelido que ganhou na Candelária, nem sequer tinha documentos de *identidade*. Seu luto foi reivindicado pela faxineira Elza da Silva, que diz ser sua mãe. No único documento pessoal que produziu em sua vida, uma ficha na delegacia de um subúrbio carioca, Sandro atribui a *outra mulher* a sua maternidade.

Geísa - a professora baleada e morta - cuidava da educação de meninas carentes na Rocinha e complementava a renda do marido, o cavalariço Alexandre Magno de Oliveira, com a venda de artesanato para uma loja de shopping. Geísa tinha planos de firmar-se como artista plástica e mal começara na carreira. Estava no 174 a caminho do banco, para descontar um cheque de 130 reais.

INSTANTE DE VER 3 - LANCEMOS UM OLHAR A POSTERIORI

O Batalhão de Operações Especiais (Bope) é a unidade de elite da polícia fluminense, considerada a mais bem treinada do país. Dá cursos a policiais de quinze estados e até do exterior. A operação teve *erros flagrantes apontados por cinco especialistas*, começando pela escolha do negociador. Ao contrário do que recomendam as regras, ele era o comandante da operação. Essa conduta colocou em risco a própria negociação. Se o

bandido percebe que o mediador é quem tem o poder de decisão final, qualquer negativa pode criar animosidade e levar a um desfecho desfavorável.

“O bandido nunca deve achar que suas opções se esgotaram.” Não havia rádios para comunicação entre os integrantes da equipe. Nenhum erro, no entanto, foi maior do que o do soldado Marcelo Oliveira dos Santos, 27 anos, há quatro anos no Bope. *Quando ele decidiu agir, Sandro já estava fora do ônibus e a situação era francamente favorável a um desfecho seguro.* Ele estava agachado há mais de três horas e ao se aproximar do bandido teria cambaleado. *Não portava a arma mais adequada,* porque sua submetralhadora não teria impacto suficiente para paralisar o agressor. Marcelo é considerado *um soldado experiente e corajoso.* Para integrar o batalhão, ultrapassou outros 200 candidatos numa prova, cursou três meses de academia e praticou cerca de 1.200 tiros. O policial é descrito por seu superior como “um destaque na corporação”.

Três semanas depois da tragédia na linha 174, uma jornalista do jornal *O Globo*, Vera Araújo, visita o soldado Marcelo, internado no Hospital Central da Polícia Militar, conversa com o seu psiquiatra, Jomar Rolland, de 47 anos, e escreve uma matéria para o jornal. O soldado Marcelo se sente culpado pela tragédia no ônibus 174. As cenas daquele dia não se apagam da sua memória. Ele *repete o tempo todo* que foi responsável pela morte da refém, pela queda dos comandantes da PM (coronel Sérgio da Cruz) e do Bope (coronel José de Oliveira Penteado) e pela prisão dos companheiros da Patamo (os cinco que estão presos sob acusação de terem matado o seqüestrador por asfixia). Mas, as informações não param aí.

Marcelo, *treinado para salvar vidas e, também, para matar,* estuda *filosofia e direito* por conta própria, adora *literatura e poesia,* *pinta a óleo,* discute a qualidade de *queijos e vinhos* e se dedica, desde os 12 anos, a *tocar piano clássico.* *O que mais gosta é de escrever poesias e tocar piano.* Numa extraordinária *coincidência,* sua professora de música tem o mesmo nome da refém morta no 174, que também era professora, mas de artes: Geísa. Marcelo é guerreiro e tem autonomia, tem a confiança dos superiores e está bem treinado. Viu a oportunidade de libertar a refém das mãos do seqüestrador, quando o bandido estava de costas e conversava com os negociadores. Marcelo achou que aquela seria a hora certa de atirar. *A única coisa que ele pensou foi em salvar a Geísa.*

Inconformada, a irmã de Geísa - Elisângela Ferreira de Oliveira - só pensa no momento em que vai estar frente a frente com Marcelo. “Quero olhar dentro dos olhos dele e lhe perguntar quando foi a última vez em que ele treinou, por que resolveu atirar naquele momento, quando o bandido parecia que ia se entregar. Sei que ele queria salvar a minha irmã, mas ele também queria ser herói”. O delegado Vinícius Jorge disse: “Ele foi treinado para uma *guerra* e não para libertar reféns. Soldado do Bope *não pensa.*” Para o seu advogado, Clóvis Sahione: *O soldado que atirou e errou é um rapaz de sensibilidades. É um músico. O ramo da filosofia que Marcelo estuda é o dos sofistas. Para o sofismo não há um ato certo e justo em si. Na opinião deles há várias opiniões em choque. Ganha quem tiver uma retórica mais convincente.* [Esta é uma síntese de matérias de *Veja* e de *O Globo*, nos meses de Junho e Julho de 2000. Os grifos são meus]

SEGUNDO ATO

TEMPO DE COMPREENDER 1 - INDAGAÇÕES E EQUIVALÊNCIAS SIMBÓLICAS

Façamos, juntos, uma analogia. Vamos tentar *aproximar* a situação do seqüestro do ônibus da linha 174 e a situação de uma sessão de psicanálise. Em termos de cenário, de tempo lógico, de realidade psíquica, de operações do significante, de manifestações psicopatológicas, de ações dos protagonistas, de posicionamento ético dos agentes e de incidência do real, a experiência de uma pode ser comparável à experiência da outra? Teria o valor de uma *metáfora*? O que nos autorizaria a pensar que ambas as situações são *homólogas* a um mesmo sintoma psicossocial?

Qual é a relação dialética entre o individual e o coletivo? Tudo o que acontece na relação humana é da ordem do social? Em "*Mais Além do Princípio de Realidade*", Lacan situa a relação analítica no contexto da *relação social*. Se a singularidade de cada um é marcada pelas diferenças, o que faz, então, o *laço social*? Como conciliar desejos diferentes? O que possibilita que as pessoas possam viver em sociedade? Qual é o elemento fundamental da estrutura humana e da estrutura social composta de humanos? A resposta é uma só: *a linguagem*.

É através da estrutura da linguagem e do laço de discurso que o ser humano se insere na relação de trocas, na construção de identificações, no compartilhamento de idéias e sentimentos, na experiência da necessidade, da demanda e do desejo, tanto quanto da privação, da frustração e da castração. O laço social mais amplo, este que acontece na vida da cidade, é efeito e reflexo do laço social primordial entre a mãe e o bebê, entre o bebê e o pai (lei paterna), entre o Outro da linguagem e a imagem especular formadora do Eu (Je), entre o significante e o sujeito do inconsciente.

O momento estruturante da experiência do Édipo e da castração é, não só constituinte do sujeito humano, mas também determinante da estrutura de sua personalidade, *não cessando de se escrever* (Lacan) exatamente que o Eu faça a sua *escolha forçada* (Lacan) na prateleira das estruturas humanas - neurose, perversão ou psicose? Querendo ou não, viverá a experiência edípica, querendo ou não, será confrontado com a castração, querendo ou não, "*escolherá*" o seu destino, e esta operação deixará sempre um *resto*, que produzirá o efeito de uma eterna indagação sobre a sua própria identidade - quem sou eu? - e sobre o desejo do Outro - que queres de mim?

Partindo deste enunciado da teoria, podemos afirmar que o acontecimento social é um reflexo *invertido* do que acontece com o sujeito na relação especular? Identificamos aí o que é da ordem da dialética pulsional, do conflito psíquico, do sintoma e da fantasia, do desejo e da angústia, dos mecanismos de defesa, do sentido e do sem-sentido? Dito de outra forma, reconhecemos na experiência humana o que *se inscreve* no registro do *princípio de prazer* (Freud), produzindo efeito de paz e felicidade, e, também, o que *não cessa de não se inscrever* (Lacan) no registro do "*além*" desse princípio, produzindo efeito de infelicidade e tensão, no campo de gozo? Reconhecemos aí, também, o que *se inscreve* no

princípio de realidade (Freud), tanto quanto do que *não cessa de não se inscrever* no registro do além do *princípio de realidade* (Lacan), no campo do *Real*?

Com estes elementos em mente, poderíamos pensar que o *acontecimento da análise* é homólogo ao *acontecimento social*? Que a experiência analítica é, em si, uma *experiência social*? Qual a relação entre uma sessão de análise e um fragmento da vida social do sujeito? É possível pensar o que aconteceu no ônibus da linha 174 Gávea-Central do Brasil, no bairro Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, como algo compatível com o que acontece numa sessão de análise? Qual a metáfora possível entre as mais ou menos quatro horas e meia vividas no “*seqüestro*” do ônibus da linha 174 e os mais ou menos 45 minutos vividos numa “*sessão de análise*”? Que relações de analogia, de metáfora, de homologia ou de equivalência simbólica existem entre:

- A entrada do analisante no consultório do analista e a entrada de Sandro no ônibus da linha 174?
- A entrada do analisante na sessão de “*análise propriamente dita*” e a entrada de Sandro na experiência do que foi nomeado como o “*seqüestro*” do ônibus da linha 174?
- O tempo lógico da sessão de análise e o tempo lógico da experiência no ônibus?
- A relação transferencial do analisante com o seu analista e a relação de Sandro com os policiais?
- A dialética pulsão sexual/pulsão de morte na sessão de análise e a mesma dialética se expressando na luta entre a vida e a morte na experiência psicossocial vivida no ônibus?
- O processo de associação livre e dos efeitos do significante na sessão analítica e este mesmo processo na experiência psico-social vivida no ônibus?
- A relação imaginária especular numa *sessão de análise* e a relação imaginária especular no *seqüestro* do ônibus?
- A relação de tensão entre a demanda imaginária do analisante e a resposta de corte simbólico do analista - ora no lugar do *objeto a*, ora no lugar do *agente* da castração - e a relação de tensão entre a demanda imaginária de Sandro e as respostas das autoridades policiais, agentes da lei?
- O impacto da vivência da angústia, de tensões, de medos, conflitos de amor e ódio, ameaças de morte (castração, perda) seja na sessão de análise, seja na experiência psicossocial vivida no ônibus?
- O discurso do analisante e a escuta do analista, tanto quanto o discurso de Sandro e a escuta dos policiais?
- O processo de abordagem do real e de elaboração simbólica na sessão, via desejo do analista, e o mesmo processo na experiência do ônibus, via desejo dos policiais?
- A eficácia do que *se escreve* numa sessão de análise na função de fazer borda ao real e a eficácia do que *se escreveu* na experiência psicossocial do seqüestro - no vidro da janela do ônibus - como uma *imagem invertida* da letra, da escrita, fazendo borda à ameaça real de morte, tentando controlar e postergar os seus efeitos?
- Qual a relação entre as revivências traumáticas, narcísicas e de fragmentação do Eu na sessão analítica e a tragédia psicossocial vivida no ônibus 174?
- Qual a relação de contingência e de continuidade entre o *dentro* e o *fora* na sessão de análise e entre o *dentro* e o *fora* na experiência psicossocial do ônibus da linha 174?

- Qual a relação entre o que *escapa à simbolização* na operação significativa de uma sessão de análise - deixando um *resto* a produzir efeitos para a outra sessão - e o que escapou à simbolização na operação significativa da experiência psicossocial vivida no ônibus da linha 174, transformando esta experiência numa tragédia e deixando um *resto*, que produziu seus efeitos depois, tanto na exoneração de policiais, quanto na depressão do soldado Marcelo?
- Qual a relação entre os conceitos de compulsão à repetição, de sadismo/masochismo, de passagem ao ato, de *resto* e de *gozo*, tanto numa sessão de análise, quanto na experiência psicossocial trágica vivida no ônibus da linha 147?
- Qual a relação entre os mais de 35 milhões de *olhares fixos* nas telas das TVs, acompanhando tensos e interessados o desenrolar dos acontecimentos durante o seqüestro, e os efeitos produzidos pelas funções do *objeto a*?

TEMPO DE COMPREENDER 2 - ELABORAÇÕES e CONSTRUÇÕES

Numa determinada parada do Bairro jardim Botânico, a porta do ônibus da linha 174 se abre e Sandro entra. A partir daí, tem seqüência todo o desfecho que já conhecemos. Questão: se a porta se fecha antes e, por poucos segundos, Sandro perde o ônibus, que teria acontecido? Qual teria sido o destino daquele ônibus da linha 174? Isto nos remete a reflexões sobre o *tempo* e o *espaço*: um tempo lógico e um espaço topológico. Que acontece quando um analisante *tem* a sua sessão ou quando *a perde*?

Pensem o que acontece no começo, no meio e no fim de uma *sessão*, e o que aconteceu no início, meio e fim do *seqüestro* do ônibus da linha 174. Qual a relação entre o *dentro* e o *fora* do ônibus? E o *dentro* e o *fora* da sessão? Se no *cenário da análise* há um jogo significativo entre o analisante e o outro/analista, no *cenário do ônibus* houve, também, um jogo significativo entre Sandro e o outro - seja na figura dos reféns, seja na figura dos policiais. Quais os ingredientes do jogo? Pulsão de morte, agressividade se manifestando em atos de violência, desejos de destruir, infligir dor e sofrimento ao outro, medo, pânico, tensão, angústia, o funcionamento dos componentes da estrutura humana (real-simbólico-imaginário/necessidade-demanda-desejo/privação-frustração-castração), o processo de elaboração simbólica através da função da palavra e da escrita, a demanda imaginária de reconhecimento, a demanda de suplência paterna via ações de interdição, as revivências traumáticas, os mecanismos de defesa narcísica, a morte como efeito da passagem ao ato, o resto.

O fato de Sandro ter entrado no ônibus, saltado a roleta e sentado num dos bancos, à direita, "*com um revólver 38 à mostra*" [o grifo é meu], não indica *a priori* que ele estava assaltando o ônibus. A reportagem não deixa claro onde estava o revólver; se na mão dele ou enfiado na cintura. Pode ser que ele fizesse uma passagem ao ato, assaltando os passageiros, mas pode ser que não o fizesse. Pode ter pego o ônibus como um cidadão qualquer. Pode até ser que planejasse assaltar uma loja ou um estabelecimento qualquer na zona sul da cidade. Pode ser que estivesse apenas perambulando e ostentando o revólver como uma insígnia de poder, um significativo fálico, garantia de defesa e sobrevivência. Não sabemos! Quem, livre de qualquer preconceito, poderia saber? Numa *sessão analítica*, também não sabemos nada do sujeito, *a priori*, só depois.

Da mesma forma que na *sessão analítica* – em que o analista é o Outro que põe o sujeito a funcionar, - “fale-me de você” –, no *seqüestro do ônibus*, foi um Outro (função da linguagem) passageiro do ônibus que fez sinal e se comunicou com um carro da polícia, que passava e, assim, pôs Sandro a funcionar. Foi só a partir desse momento, em que o ônibus foi interceptado e Sandro *interpretado como um bandido*, que a tragédia teve começo. Ação provocando reação! Foi só a partir desse momento que Sandro *empunhou a sua arma* e passou a ameaçar, a tomar reféns como escudo, a se defender atacando. Sentindo-se ameaçado de agressão, ele passa a agressor e, na seqüência, é nomeado como bandido perigoso, violento, seqüestrador, alguém com poderes malignos. Aliás, a partir da tensão do confronto, Sandro contribuiu bastante para a *fixação* dos rótulos que recebeu. A relação de contingência sadismo-masochismo estava estabelecida.

O que Sandro demanda aos policiais, quando pede dinheiro, armas e um carro para fugir? Qual o significado real, simbólico e imaginário do que ele pede? Pede alguma coisa a quem? Ao policial ou ao pai que nunca teve? Por que Sandro tenta *negociar, relacionar, dialogar* com os policiais, mas só consegue fazer isso *agressivamente*, como se estivesse “alucinado”, ameaçando matar ao outro e a si mesmo? É a única linguagem que conhece? Identificação com o agressor? Restos de experiências traumáticas de sua infância? Ausência efetiva de mãe e de pai? Precariedade extrema do funcionamento da metáfora paterna? Restos da “Chacina da Candelária”?

Mas, Sandro - ao invés de sair atirando e matando compulsivamente - *fala... ameaça... fala agressivamente*, mas fala. *E falando... faz borda ao real da pulsão!* Nisto ele é ajudado pelas três jovens reféns numa função de mediação e de simbolização. Sandro avisa a elas que vai *simular* um assassinato e, como *ator* de uma tragédia, finge que está fuzilando Janaína. Demonstração de potência fálica, denegação das fraquezas e da impotência em sua vida? Que mensagens *invertidas*, espelhadas no vidro da janela do ônibus, ele endereça aos policiais, lá do lado de fora, através da *escrita* de Janaína? Função da letra, da escrita, da palavra, fazendo borda ao inominável da pulsão de morte, postergando os efeitos da ameaça de uma passagem ao ato?

O certo é que, durante mais de quatro horas, *Sandro joga perigosamente*, brincando com a vida e com a morte, mas joga *dialogando, escrevendo, associando livremente* como numa sessão de análise; ameaçando, como numa vivência transferencial negativa, ou repetindo... repetindo..., como numa “*reação terapêutica negativa*”, mas tentando esticar o elástico do “*não cessa de se escrever*” até o limite do possível! O que Sandro ganhou com isso? Certamente, durante esse tempo, *ele sentiu-se sendo alguém!* O sentido de sua vida talvez seja este mesmo - ser protagonista da violência urbana, ser ator de tragédias, ser prisioneiro de seu próprio infortúnio.

Durante um certo tempo, Sandro conseguiu ser o *centro das atenções* de milhares de telespectadores no mundo inteiro. Última tentativa de se transformar de *resto* em herói; *herói trágico* como na obra de Shakespeare ou nos filmes de *violência explícita* de Hollywood. Mas, como é próprio das tragédias humanas, algo *escapou à simbolização*. Vitória da pulsão de morte, evidenciando que *o significante não é tudo*. Ao descer do ônibus, ainda usando Geísa como escudo, Sandro falava, pedia, vivia a *tensão limite de um gozo*, da

ameaça de uma dupla passagem ao ato – tanto sua, quanto dos policiais – e não deu outra; mais uma vitória da violência.

Os especialistas disseram que ele estava cansado, se entregando, perto de se render. Significa que a *linguagem* estava quase *contornando* a pulsão, a vida prestes a vencer a morte, pelo menos naquele momento, o Eu se submetendo ao Outro da linguagem, o significante da lei paterna prestes a interditar o desvario da compulsão? Mas, o real é assim mesmo, ele ex-siste à cadeia significante, ele resiste à simbolização, ele domina, ele impera sobre o ser humano, ele estabelece a morte como o seu melhor atestado de eficácia.

O que aconteceu com o soldado Marcelo é uma boa ilustração do que estamos dizendo. Marcelo é um soldado muito bem preparado tecnicamente, de bons costumes, fino trato, sensível às questões humanas, equilibrado e, no entanto, cansou-se, perdeu o controle, agiu precipitadamente. Poderia ter acontecido com qualquer um! O real prescinde do preparo do ser humano - seja intelectual, seja emocional – não importando o nível de excelência desse preparo. O real sempre vai nos pregar uma “peça”, sempre vai nos fazer uma surpresa, sempre vai produzir algo... “*Além do Princípio de Prazer*”... no campo de gozo.

TEMPO DE COMPREENDER 3 - A QUESTÃO DOS RESTOS

De acordo com Lacan - “de toda operação, fica um resto”. Lacan manifesta preocupação com os restos da produção da ciência. “O que a ciência vai fazer com o lixo industrial?”, pergunta ele. Esta é, também, a grande preocupação contemporânea da engenharia ambiental - o que fazer com o lixo, com as sobras, com os resíduos? Os restos detêm em si um poder real enorme! Pensem no lixo atômico! Em reportagem recente, a TV brasileira mostrou a preocupação de políticos e de cientistas dos países que possuem usinas nucleares, porque até hoje eles não sabem o que fazer com o lixo atômico.

Fazendo uma *analogia* do campo da *ciência* com o campo *psicossocial*, constatamos que, de toda operação significativa dos processos sociais, fica um *resto*. Que fazer com ele? Como lidar com o “lixo” da sociedade? Como administrar o seu poder, a sua potência de resto, tanto para construir como para destruir? Pessoas que desde pequenas aprenderam a viver num estado de grande privação, de dificuldades de toda a espécie, mas que tiveram uma educação básica para lutar pela sobrevivência, conseguem se sair melhor em muitas atividades de resistência física. Estão mais aptas, por exemplo, a competir em maratonas. Dizem elas: “acostumamos a fazer do sofrimento a nossa força interna para superar dificuldades e resolver problemas”. As privações sociais e o sofrimento psíquico, se forem sublimados e canalizados para *fins educativos*, podem forjar homens produtivos e engajados eticamente na vida de uma cidade.

Este é um exemplo de resto que produz *efeitos construtivos*. Ele foi captado pelo olhar do outro, reconhecido como gente, valorizado como um potencial positivo a ser desenvolvido e sobre ele foi inventada uma escultura de arte, possibilitando embelezamento e engajamento na sociedade de humanos. Infelizmente, a experiência nos revela, também, uma outra realidade, aquela do resto que não foi captado pelo olhar do outro, que não foi reconhecido, que não foi amado como um próximo e que foi

negativizado, rejeitado. Pode não ter sido incluído no processo cultural/educativo e acabou ficando à margem da sociedade legalmente constituída. Ficou à margem, mas fazendo parte do sistema e produzindo os seus *efeitos destrutivos*, seus atos delinqüentes, sua transgressão à lei, sua violência ao outro e a si mesmo.

Quando pegou o ônibus da linha 174, num determinado ponto do Bairro Jardim Botânico, quem entrou não foi Sandro e sim *o resto* da operação social da “Chacina da Candelária”. Resto encarnado num menino de 7 anos, que escapou à morte, que sobrou como um lixo que a última pá simbólica não conseguiu recolher. Resto, também, como marca de pobreza e miséria humana, recusado ou foracluído da metáfora social, privado de pai e de mãe, tendo o chão da calçada como o seu colchão e o degrau das portas como seu travesseiro.

Do desfecho do seqüestro de quatro horas e meia, quando Geísa morre baleada e Sandro morre asfixiado (enforcado) dentro do camburão, ficou também um *resto*. O soldado Marcelo caiu como uma sobra da operação e restou como um monte de lixo jogado ao chão. Sobra do banquete de violência, do repasto trágico de confrontos narcísicos, da falência do herói que teria sido. Para lidar com o inominável - com *Isso* que poderia ter escapado ao controle de qualquer outro soldado, com o impossível de acontecer do jeito que esperamos e na hora que queremos - Marcelo construiu um fantasma e fez um sintoma.

O *fantasma* é o da castração: seu sentimento de fracasso, de impotência, de perda do lugar, perda da auto-estima, perda do amor dos superiores e dos colegas, e perda da admiração da sociedade. O *sintoma* é o da depressão (numa estrutura obsessiva?): seu feroz sentimento de culpa, de violência superegógica, de necessidade de castigo, de insônia, de perda do apetite, de vontade de morrer. Como *resto* da “Chacina da Candelária”, Sandro causou a tragédia do ônibus da linha 174. Como *resto da tragédia do ônibus*, o que Marcelo irá causar?

Roberto Pompeu de Toledo, articulista da revista *Veja*, disse: “Nem tudo está perdido”, enaltecendo a coragem e a ação das três reféns - Janaína, Luanna e Geísa. Sim, *nem tudo está perdido*, no campo do simbólico, pela eficácia do significante, *não cessando de se escrever*. Contudo, no campo do real, pela eficácia do que resiste à simbolização, *não cessando de não se escrever*, algo está para sempre perdido. A perda é de estrutura, faz parte da operação significante, é resultado da entrada do homem na linguagem, está sempre presente na experiência humana, jamais deixa de acontecer, embora possa ser denegada, recusada, recalçada e foracluída. No enunciado *nem tudo está perdido*, o significante já produz o seu efeito: se *nem tudo está perdido* é porque *algo* está irremediavelmente perdido!

TERCEIRO ATO

MOMENTO DE CONCLUIR - A QUESTÃO ÉTICA

O que se espera do analista no cenário analítico e na direção do tratamento? Sem estar comprometido com a *ética da psicanálise*, nada adiantará ter um extraordinário

conhecimento teórico e estar bem estabelecido tecnicamente; com um consultório muito bem montado, bem localizado, uma grande clientela, vários cursos de especialização e produção permanente. A *ética* é condição *sine qua non* para que uma análise produza os seus efeitos terapêuticos.

O que se espera do policial no cenário de um distúrbio psicossocial qualquer - como num seqüestro, num assalto, numa greve, numa manifestação dos "sem-terra", numa rebelião de presos, num conflito de militantes políticos, num confronto de torcidas rivais, numa chacina familiar seguida de suicídio? A experiência demonstra que, se o policial não estiver comprometido e afinado com a *ética* que orienta o exercício de sua prática - sob a luz da justiça e dos direitos humanos -, ele não será bem-sucedido em sua função. O saber técnico do policial é importante, tanto quanto estar bem aparelhado tecnologicamente, mas nada disso é mais importante do que estar preparado emocionalmente e ter *princípios éticos* que direcionem o seu comportamento como um agente da lei e da paz social.

No "Seminário da Ética", diz Lacan: "Se há uma ética da psicanálise - a questão se coloca -, é na medida em que a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação... a psicanálise procede por um retorno ao sentido da ação... A hipótese freudiana do inconsciente supõe que a ação do homem, seja ele são ou doente, seja ela normal ou mórbida, tem um sentido escondido para o qual se pode dirigir. Nessa dimensão, a noção é concebida, de início, a partir de uma catarse que é purificação, decantação, isolamento de planos. (...) A ética da análise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chamo de serviço dos bens. Ela implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida. É na dimensão trágica que as ações se inscrevem..."

Digamos, numa primeira aproximação, que a relação da ação com o desejo que a habita na dimensão trágica se exerce no sentido de um triunfo da morte. (...) que se trata também da relação da ação com o desejo, e de seu fracasso fundamental em alcançá-lo.

(...) O falo nada mais é do que um significante, o significante dessa escapada. A vida passa, assim mesmo triunfa, aconteça o que acontecer. Quando o herói cômico tropeça, cai no melão, pois bem, o sujeitinho continua vivo.

O patético desta dimensão é, como estão vendo, exatamente o oposto, a contrapartida do trágico. Eles não são incompatíveis, já que o tragicômico existe. É aí que reside a experiência da ação humana, e é por sabermos, melhor do que aqueles que nos precederam, reconhecer a natureza do desejo que está no âmago dessa experiência, que uma revisão ética é possível, que um juízo ético é possível, o qual representa essa questão com seu valor de Juízo final - Agiste conforme o desejo que te habita?"

Caminhando para o final de seu texto "Análise Terminável e Interminável", Freud procura nos mostrar que, no final da análise, a mulher está fadada a se deparar com o irredutível da inveja do pênis e o homem com o irredutível da ameaça de castração. Ambos se reconhecem na verdade do *rochedo da castração*. A angústia fundamental, a mais terrível do ser humano, jaz - colada ao desejo - no âmago da experiência clínica e social.

Voltando a Lacan, ainda no “Seminário da Ética”: “Ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde toda a problemática do desejo se coloca. O que pode ser um tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível”.

No campo da psicanálise, comprometido com a sua ética, o *desejo do analista* implica em que o sujeito se confronte e se submeta à castração, à morte simbólica, contornando - com paciência, com uma boa escuta e um bom manejo da situação - os riscos de uma passagem ao ato. Pergunto: que teria acontecido se, na experiência humana vivida no ônibus da linha 174, os policiais tivessem tido paciência, uma boa escuta e um bom manejo da situação, possibilitando - não só a Sandro, mas também a todos os envolvidos - a experiência da castração, da morte simbólica e da elaboração dessa experiência através da função da palavra, superando a ameaça de uma passagem ao ato?

De Gérard Pommier, em seu *Desenlace de uma análise*, no capítulo sobre a “Ética e o Fim da Análise”, eu recorto o seguinte trecho: “Assim, para a própria salvaguarda de sua existência, o sujeito pode escolher o Mal e escolhe-o sem hesitação. Assim ocorre com a mudez do sintoma que surge de início como esta barreira obstinada que se opõe a uma felicidade perfeita. E se a dor do sintoma não é suficiente, é o exercício ativo do Mal que ganhará terreno: destruir, mentir, procurar os perigos do afrontamento... aliviam de uma alienação; a primeira afirmação do sujeito se mostra sob a forma de uma aspiração ao negativo, de um gosto pelo Mal... dizendo não a todo Bem que pode lhe ser desejado e, mais ainda, tem prazer na destruição ou na realização do que lhe é proibido. Este gosto pelo negativo, a aspiração por um Mal libertador de um Bem... invasivo está longe de se limitar à infância e podemos exemplificá-la em quase tudo o que há de catastrófico no comportamento humano”.

Finalizo citando Lacan, “Introdução teórica às funções da psicanálise na criminologia”. Diz ele: “Do crime que expressa o simbolismo do supereu como instância psicopatológica: se a psicanálise irrealiza o crime, não desumaniza o criminoso. (...) Do crime em relação com a realidade do criminoso: se a psicanálise dá sua medida, indica sua referência social fundamental. (...) A psicanálise se detém na objetivação do Isso e reivindica a autonomia de uma experiência irreduzivelmente subjetiva”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Vera. O soldado dos extremos. Subtítulo: PM que causou tragédia do 174 toca piano clássico, estuda filosofia e escreve poesias. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 3/ Jul./2000.
2. CARNEIRO, Marcelo e FRANÇA, Ronaldo. A gota d'água. Subtítulo: Agonia... Ação desastrosa... e um desfecho trágico. *Revista Veja*, Ano 33, no. 25, 21/Jun./2000, www.veja.com.br
3. AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Imago, Rio de Janeiro: 1979.
4. COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Graal, Rio de Janeiro: 1984.
5. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Mal Radical em Freud*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1993.
6. FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada: uma contribuição à origem das perversões sexuais (1919), vol. XVII. *Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud*. Imago, Rio de Janeiro: 1976.

7. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920), vol. XVIII, *Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud*. Imago, Rio de Janeiro: 1976.
8. FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924), vol. XIX, *Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud*. Imago, Rio de Janeiro: 1976.
9. FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1929), vol. XXI, *Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud*. Imago, Rio de Janeiro: 1974.
10. FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937), vol. XXIII, *Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud*. Imago, Rio de Janeiro: 1976.
11. LACAN, Jacques. "El estadio del espejo como formador de la función del Yo (Je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica". (comunicación presentada ante el XVI Congreso Internacional de Psicoanálisis, en Zurich, el 17 de Julio de 1949), *Escritos 1*, Siglo Veintiuno, Mexico: 1984.
12. LACAN, Jacques. Más allá del "principio de realidad" (1936), *Escritos 1*, Siglo Veintiuno, Mexico: 1984.
13. LACAN, Jacques. "La agresividad en psicoanálisis". (1948), *Escritos 1*, Siglo Veintiuno, Mexico: 1984.
14. LACAN, Jacques. Introducción teórica a las funciones del psicoanálisis en criminología. (1950), *Escritos 1*, Siglo Veintiuno Editores, Mexico, 1984.
15. LACAN, Jacques. "Función Y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis" (1953), *Escritos 1*, Siglo Veintiuno, Mexico: 1984.
16. LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7 - A Ética da Psicanálise* (1959/1960), Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1988.
17. LACAN, J. - Introducción al comentario de Jean Hyppolite sobre la Verneignung de Freud. *Escritos, Tomo I*, Siglo veintiuno editores, México, 1984.
18. LACAN, J. - Respuesta al comentario de Jean Hyppolite sobre la Verneignung de Freud. *Escritos, Tomo I*, Siglo veintiuno editores, México, 1984.
19. POMMIER, Gérard. *O desenlace de uma análise* (1987), Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1990.

Messias Eustáquio Chaves – Psicanalista do CPMG

Telefax: (031) 3241-6837 - email mesquio@uai.com.br - 14 de Agosto de 2000.